

EDITORIAL

POESIA E EKPHRASIS

Em sua conceitualização clássica, a *ekphrasis* é uma categoria retórica que conforma uma técnica ou um gênero discursivo caracterizados pela descrição e presentificação de objetos, principalmente artísticos, a partir da qual se constituiu uma longa tradição de obras literárias, incluindo poemas, que, no todo ou em partes, apresentam obras plásticas, ficcionais ou não, emulando as técnicas de composição pictóricas, mas também suplementando-as com as possibilidades oferecidas pela linguagem verbal. Assim, ao longo da Antiguidade Clássica, e enquanto predominam seus paradigmas e convenções sobre a arte literária ocidental, a *ekphrasis* se apresenta não como a mera descrição de uma obra de arte, mas como a evocação de um objeto que muitas vezes sequer existe, uma vez que não está subordinada a comparações baseadas em padrões de fidelidade, mas é parte de um conjunto de recursos retóricos compartilhados pelo escritor e pelo público.

A partir da Modernidade, o conceito de *ekphrasis* se expande e se afasta de sua concepção tradicional, ao se referir a descrições ficcionais de obras de arte existentes ou inexistentes por meio de um sujeito poético, sem as restrições estabelecidas por sua categorização retórica, mas não indiferente a esta; pois, afinal, é ainda como discurso poeticamente articulado que o poema busca presentificar seu objeto para o leitor, independentemente de sua existência real ou empírica¹. Com isso, a partir de uma relação dialética com a tradição, de aproximação e afastamento, a *ekphrasis* incorpora novos paradigmas, ao se abrir à sátira, à ironia e à crítica do olhar, entre outras questões que se estendem até as produções contemporâneas.

¹ Ressaltamos que em livros de história da arte, mesmo com a utilização da fotografia como forma de presentificação do objeto artístico, a *ekphrasis* é frequentemente utilizada na descrição e análise de obras de arte.

Dessa forma, considerada a relevância do conceito para as composições literárias do passado e do presente, como também as transformações sofridas por ele ao longo do tempo, a revista *Texto Poético* propôs a organização de um dossiê temático com o objetivo de reunir trabalhos de pesquisadores que abordam o uso da *ekphrasis* na poesia, em suas diferentes temporalidades e perspectivas, visando contribuir para os estudos sobre o texto poético e suas teorias. Essa amplitude alcançada pelo conceito é ilustrada pela diversidade dos artigos que compõem a seção *Dossiê*, que abordam desde os versos do poeta latino Estácio, inseridos na tradição da Antiguidade Clássica, até o autorretrato poético-barroco-contemporâneo de Ana Hatherly, passando pelos encontros entre diferentes temporalidades proporcionados pelas descrições ecrásticas presentes em poemas de Baudelaire e de Jorge de Sena. As diversas temporalidades abarcadas pelos trabalhos recolhidos na seção *Dossiê*, com suas respectivas implicações para as reflexões sobre a poesia e as artes, atestam as permanências e transformações às quais a *ekphrasis* tem sido submetida, reforçando sua relevância para as produções poéticas de qualquer tempo.

Assim, tomando essa dimensão temporal como eixo propositivo para a leitura, o dossiê *Poesia e Ekphrasis* se inicia com o artigo “Versos ecrásticos: Estácio, *Tebaida*, 2. 215-223; 6. 531-547 e 9. 332-338”, de Fernanda Messeder Moura, que analisa três exemplos de écfrase na *Tebaida*, poema do autor latino Estácio. A autora demonstra como a écfrase se insere na tradição de autores com os quais o poeta se equipara, demonstrando sua utilização em versos, antes mesmo da formulação retórica do conceito na antiguidade.

Da Antiguidade Clássica passamos à Modernidade da *ekphrasis* de Baudelaire, investigada no artigo “*A Uma Passante* de Charles Baudelaire: os três tempos da imagem”, de Júnior Vilarino, que analisa os três tempos da descrição pictural no poema “*A Uma Passante*” a partir de suas relações intertextuais com o ensaio *O pintor da vida moderna*. Para estabelecer essas relações, Vilarino se vale da hipótese de que a captura do objeto, a descrição da forma e a reflexão acerca da contingência da visão, no poema,

constituem tanto etapas do processo de descrição da imagem quanto uma reflexão sobre sua relação com a temporalidade moderna.

Em seguida, o artigo “*Ninfa Seniana: uma travessia por Metamorfoses*”, de Mônica Genelhu Fagundes, analisa nos poemas da coletânea *Metamorfoses* (1963), de Jorge de Sena, a composição efrásica da *Ninfa*, a partir dos estudos Aby Warburg. Reconhecendo nos versos de Sena, através da perspectiva oferecida por Warburg, as sobrevivências da figura mitológica em seus movimentos e gestos, o artigo oferece uma leitura sobre os elementos constituintes do livro estudado, dentre os quais a éfrase, além de reflexões sobre as relações entre obras literárias e plásticas, sobre as noções de cronologia e história e suas implicações para a arte e para a humanidade.

Finalizando a seção, o artigo “Ao espelho: autorretrato de Ana Hatherly”, de Teresa Jorge Ferreira, apresenta uma leitura do poema “Autorretrato” de Ana Hatherly, publicado em *A idade da escrita* (1998), a partir da definição de autorretrato como espelho. Ferreira analisa a estrutura efrásica do poema com base na apropriação que a poeta faz de dois poemas barrocos dos séculos XVII e XVIII. A autora também enfatiza o diálogo que Hatherly estabelece com outros poetas para o estabelecimento de sua própria poética, explorando a relação entre recriação e recreação.

Percebemos assim, com a leitura dos artigos que compõem o dossiê *Poesia e Ekphrasis*, as muitas possibilidades de exploração de um tema (a *ekphrasis*) que a princípio parecia ser excludente, mas que se revelou capaz de oferecer ricas perspectivas para diferentes abordagens sobre a construção do texto poético. O estudo da *ekphrasis* no poema possibilita perceber como a visualidade, em relação ao tempo-espço, vai se formando ao longo da história, de autor para autor; e como o próprio conceito vai se transmutando ao longo desse processo.

Completam este número da revista *Texto Poético* quatro artigos inseridos na seção *Vária*. O primeiro deles, intitulado “Drummond e o existencialismo”, de Cleide Maria de Oliveira, analisa um conjunto específico de poemas de Drummond visando estabelecer uma relação com o existencialismo de Jean-Paul Sartre, a partir do conceito de temporalidade

como construção do sujeito. Em seguida, o artigo “O mundo necessita de poesia: a lírica e a sociedade na obra de Gilka Machado”, de Diego Grandó e Juliana Maffei, dedica-se a analisar dois poemas de Gilka Machado com o objetivo de estabelecer as relações entre lírica e sociedade a partir das imagens poéticas. Na sequência, o artigo “Bruno dos Reis, heterônimo de Virgílio de Lemos: música e subversão em timbres metapoéticos”, de Luciana Brandão Leal, investiga os poemas atribuídos ao heterônimo de Virgílio de Lemos explorando as relações metalinguísticas como desdobramentos do sujeito. Por fim, o artigo “Théophile Gautier: o livro inútil e a excelência do poeta”, de Rodrigo Gomes de Oliveira Pinto, estuda a poética de Théophile Gautier no que diz respeito à poesia como evasão, livre para proporcionar um prazer tal que leva a uma conexão entre leitor e poeta, por meio do trabalho dedicado e rigoroso voltado exclusivamente para a *poiesis*.

Alexandre Rodrigues da Costa*

Rodrigo Garcia Barbosa**

* Professor Titular de História da Arte do Departamento de Disciplinas Teóricas e Psicopedagógicas da Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: rodriguescosta@hotmail.com Orcid iD: <https://0000-0001-6346-701X>

** Professor Adjunto de Literatura Brasileira do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Lavras/UFLA, Lavras, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: rodrigobarbosa@ufla.br Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0775-0475>